

## **UniverCidade: A Pesquisa Acadêmica e a Experiência de Redescobrir a Cidade de Salvador<sup>1</sup>**

Agnes Mirele Conceição da Silva Lopes<sup>2</sup>

Isis Beatriz Santos De Cerqueira<sup>3</sup>

Nadia Virginia B. Carneiro<sup>4</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA

### **RESUMO**

O nosso objetivo neste relato é demonstrar o caminho traçado no Grupo de Pesquisa Direito à Cidade, por meio do projeto de iniciação científica, trazendo informações sobre as fases e os parceiros nesse processo. Utilizamos os recursos literários que tratavam do tema, além de conhecimentos em fotografia e audiovisual para compreender Salvador em suas nuances. São resultados desse processo o autoconhecimento e uma carga teórica e prática essenciais para outras experiências de trabalho, uma somatória de conhecimentos a todo o momento. Dois novos olhares são adicionados neste momento sobre a perspectiva do Direito à Cidade, nossas vivências estão postas neste relato como parte da absorção de conhecimento que obtivemos através da transdisciplinaridade envolvendo pesquisa científica, atividades de extensão e estágio voluntário.

**PALAVRAS-CHAVE** Cidade; Interfaces Comunicacionais; Audiovisual; Salvador;

### **CORPO DO TRABALHO**

O mundo da iniciação científica, aparentemente, soa muito acadêmico e, às vezes, amedronta, mas, quando você encontra, no foco principal, temas que lhe tocam e lhe parecem mais íntimos, a felicidade de poder participar dessa experiência aumenta. Pensar nas vertentes da Fotografia + Cidade foi o gancho para o nosso encanto com o Grupo de Pesquisa Direito à Cidade, um grupo heterogêneo com estudantes de Urbanismo, Direito e Comunicação; além de uma parceria com o Centro de Estudos e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na II06 - Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018

<sup>2</sup> Estudante de graduação 4º. semestre de Relações Públicas da UNEB, e-mail: agnesmirele@hotmail.com

<sup>3</sup> Estudante de graduação 4º. semestre de Relações Públicas da UNEB, e-mail: isisbeatrizsantos@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora Dr<sup>a</sup>. do Curso de Relações Públicas da UNEB, e-mail: nadiavifotos@yahoo.com.br

---

Ação Social (CEAS), que contribuiu muito para a nossa aproximação com a luta e resistência dos movimentos sociais e as comunidades do Centro de Salvador.

Investigar, estudar, conhecer e fotografar serão sempre experiências inovadoras. Conhecer melhor o grupo veio por etapas e foi também um mundo de descobertas, estar no Grupo de Pesquisa Direito à Cidade não seria só estudar e fotografar, porém conhecer as lutas e as comunidades desse “local de pesquisa” que iríamos desbravar. Para além dos livros e técnicas para fotografar, estava ali um novo agente para a pesquisa, pessoas, com situações reais que precisavam de espaço para ressaltar sua luta.

O projeto UniverCidade, é fruto da convergência de dois projetos: “Fotografia e paisagem mutante: Imagem, imaginário e transformação urbana no desenho do frontispício da cidade do Salvador” e “Arte e Cidade: Engajamento artístico e intervenções urbanas pelo Direito à Cidade no Centro Antigo de Salvador – Bahia”. A primeira com objetivo de observar as modificações no esboço urbano do frontispício dos Centros da cidade do Salvador, a segunda com finalidade de compreender as intervenções artísticas que dialogam nesses Centros. Em comunhão, as pesquisas visam englobar o entendimento da cidade do Salvador analisando o Centro Antigo a partir da produção e vivência das comunidades ali residentes.

De início, é desafiador pegar um bastão desse jeito, mas era só o começo de uma trajetória importantíssima para os resultados dessa pesquisa. O trabalho de comunicação veio para a gente com uma carga a mais, o documentário do grupo de pesquisa que já estava a um tempo parado e que nós ajudaríamos a avançar. Estudar, investigar, fotografar, roteirizar e gravar, muitas funções para duas pessoas no segundo semestre de comunicação, foi assim que ganhamos um parceiro forte no âmbito da comunicação em todo o nosso processo de pesquisa, contribuindo para que obtivéssemos mais técnica e prática, desta forma, começamos a aliança com a TV UNEB, considerando que para produzir um documentário era necessário aprender e conhecer algumas ferramentas técnicas do audiovisual, que não era tão presente no nosso curso e somente com uma plataforma externa conseguiríamos absorver esses conhecimentos. Não podemos negar, saber que iríamos trabalhar no Núcleo de Audiovisual da Assessoria de Comunicação da UNEB é uma explosão de sentimentos: felicidade pela grande oportunidade, ansiedade por aprender coisas novas e medo pelas coisas desconhecidas no caminho, mas ainda

sim uma enorme experiência e que precisava ser vivida. Passando por mudanças com relação aos estagiários, nossa recepção foi um tanto diferente de outros que passaram, em relação aos meios de compreender melhor a utilização do audiovisual em uma assessoria de comunicação, acreditamos que isso serviu também de impulso para nos tornar ainda mais abertas a aprender e conhecer os processos. O primeiro deles foi o projeto de campanha do dia dos pais que estava chegando; Reunimos algumas ideias e não imaginávamos que isso viraria um projeto real. Todo esse momento foi baseado em pesquisa de vídeos de campanhas anteriores e modelos de projetos da ASCOM. Trabalhamos com relações públicas e audiovisual como um só e, chegar a um resultado final foi impressionante, foi algo nos dito no início do trabalho e é real: São muitas discussões e opiniões, mas a felicidade vem com o trabalho finalizado. Outra grande experiência foi a de participar da produção e gravar o Boletim da TV, chegamos no início do processo e pudemos participar e contribuir com o seu desenvolvimento, tanto no trabalho de produção, como também sendo repórter. Preparar-se para memorizar um texto e apresentar para a câmera é um trabalho árduo, mas sentir a satisfação da equipe, dos familiares e amigos ao assistir, é um retorno à altura. Será que quem assiste uma matéria na televisão tem noção de quantos processos acontecem até ela chegar ali? Aprendemos a fazer roteiro antes e depois da gravação, gravar *off*, criar cronograma e fazer edições simples. E fica melhor quando começamos a usar todo nosso conhecimento adquirido em trabalhos na TV em comunhão com a pesquisa e com a cidade. O documentário foi o início da interlocução entre a pesquisa e a extensão, aprender a movimentar os mecanismos que nos possibilitasse produzir algo, sempre foi o foco principal.

A primeira oportunidade de, efetivamente, trabalhar nessa plataforma foi a Festa Literária Internacional do Pelourinho, a FLIPELÔ, em que colocaríamos em prática, atividades como roteiro pré e pós-gravações, *off* e, também um pouco do que a gente tinha visto de edição. Cortamos nossas próprias imagens, pensamos em transições, texto e trilha. Uma grande oportunidade de fazer um resumo das experiências para então ter um primeiro produto totalmente produzido por nós. O primeiro passo, de muitos. O fato de estar no Pelourinho, naquele evento, entrelaçando a pesquisa que se ambienta no Centro Antigo de Salvador, e as possibilidades audiovisuais para a produção de um trabalho nosso, modificou nosso olhar sobre o Centro. Começar a roteirizar o

---

documentário, parte muito da ideia que tínhamos visto até então no trabalho com a TV, a ideia de precisar de *inserts*, como seriam as gravações, possibilidades de enquadramento e até mesmo as nomenclaturas que utilizamos após o processo de aprendizagem na Ascom.

Uma nova possibilidade de unir audiovisual e pesquisa surge no Fórum Social Mundial, em Salvador e com o eixo Direito à Cidade. Utilizar nosso conhecimento até aquele momento para registrar passagens do evento em que o tema da nossa pesquisa estivesse mais forte foi de total importância para o nosso processo de amadurecimento do “olhar”, o olhar para o tema, para o local, para as pessoas, saber a hora certa de gravar, de desligar a câmera, onde e como fazer um *insert*, acertando e errando; assim como a parte prática foi de extrema importância para que obtivéssemos conhecimento técnico, a orientação teórica foi enriquecedora para que obtivéssemos harmonia entre o processo que estávamos vivendo e o que iríamos produzir; A linha de raciocínio que seguimos durante a orientação contribuiu para que enxergássemos, da forma mais didática possível, Salvador dentro nos livros estudados.

Pensando a Iniciação Científica, os meios para chegar a um fim próspero são embasados na teoria, em leituras de autores que permeiam o tema principal, no nosso caso, Direito à Cidade. Dialogar nos textos, em visitas e produtos com esses autores é essencial para o fortalecimento da mensagem e entendimento do que queremos passar. Divididas em reuniões mensais e semanais, nossos encontros de orientação foram importantes para enriquecer o caminho percorrido. Em encontros com a orientadora conhecemos e discutimos livros e autores, começando pelo mais amplo compreendendo Cidade e posteriormente alinhando mais especificamente com a cidade de Salvador. Para além de conceitos e elementos, discutimos sempre trazendo para a realidade soteropolitana, desta forma, a absorção dos conteúdos se misturam as vivências práticas, indo mais à frente das leituras. A escolha dos autores também passou por uma seleção que mais se aproximaria do que cada uma em sua pesquisa em particular levaria para o grupo como um todo. As reuniões com a professora orientadora foram mescladas com reuniões no CENTRO DE ESTUDOS E AÇÃO SOCIAL - CEAS, como parte do grupo com outros bolsistas, onde nos reuníamos para discutir o documentário, que conta com um grande auxílio do CEAS na figura de Manolo, nos conectando as comunidades do Centro Antigo e suas lutas. Se a palavra utilizada para definir esses encontros não fosse

orientação, seus sinônimos ainda casariam muito bem, pois, as reuniões foram a todo o momento uma direção, sentido, rumo, indicação, bússola e norte para nós no processo de aprendizagem.

O repertório teórico foi surgindo para nós à medida que avançávamos no trabalho também prático e para compreender toda a finalidade daquele processo era preciso entender e reconhecer os conceitos. Os encontros destinados a discutir esses autores e livros, estão baseados em trazer para próximo de nós, para Salvador, para o século XXI o que é proposto no texto, enxergar as mudanças quando o texto fala de uma Salvador antiga e reconhecer contextos que foram empregados em outras cidades na nossa capital. Um autor que poderíamos usar como exemplo de conceitos mais gerais e que abarcam quase todas as cidades ocidentais do mundo é Kevin Lynch (1997), em sua obra “Imagem da Cidade” ele traz reflexões sobre as estruturas dessa cidade ocidental moderna e urbana, e como seus habitantes enxergam sua cidade, seus limites, bairros, monumentos etc. Compreendendo melhor como as relações de cidade são construídas na vivência do habitante com o local, nasce ali uma imagem para aquele morador.

Uma vez que o desenvolvimento da imagem é um processo interativo entre observador e coisa observada, é possível reforçar a imagem tanto através de artifícios simbólicos e do reaprendizado de quem a percebe como através da reformulação do seu entorno. (LYNCH, Kevin. Imagem da Cidade, 1997: p.12).

Os conceitos que permeiam então as cidades e o estudo de Kevin se colocam muito bem em outras cidades, inclusive em Salvador. Pensando no que seria a imagem pública da capital baiana é a junção das imagens individuais dos seus habitantes.

Parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de muitas imagens individuais. (...) Cada imagem individual é única e possui algum conteúdo que nunca ou raramente é comunicado, mas ainda assim ela se aproxima da imagem pública que, em ambientes diferentes, é mais ou menos impositiva, mais ou menos abrangente. (...) O conteúdo das imagens das cidades até aqui estudadas, que remetem às formas físicas, pode ser adequadamente classificado em cinco tipos de elementos: Vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. (LYNCH, Kevin. Imagem da cidade, 1997: p. 51).

Retomando o texto para o contexto Soteropolitano, podemos exemplificar os elementos elencados por Lynch (Faremos um recorte também voltado para o foco da pesquisa, com o Centro Antigo de Salvador, porém todos esses elementos podem ser identificados facilmente por toda cidade). Vias: Uma via importante da cidade e que tem na sua rotina um grande volume de pessoas e que representa bem a vida urbana é a

Avenida Sete de Setembro. Movimentação, lojas, monumentos e limites são encontrados nesta via, o comércio popular de Salvador também tem grande atuação nesta área. Limites: O terminal marítimo de Salvador pode ser considerado um limite, ele demarca a divisão entre a cidade, o mar e a cidade e a Ilha de Itaparica. Para os habitantes, representa um dos limites da capital. Bairros: O Comércio é um bom exemplo do que se entende por dinâmica de bairro, identificável interna e externamente através de suas estruturas físicas e humanas, bairro comercial e homogêneo. Pontos nodais: Um cruzamento importante é a entre Avenida Sete de Setembro com o Campo Grande unindo o comércio popular ao centro mais “nobre” com grande fluxo de pessoas, carros e transporte público. Marcos: O Elevador Lacerda, um marco importante não só para o bairro do Comércio, mas para toda Salvador, um ponto turístico que serve de referencial para quem vem de fora e, também para os habitantes. Pensar Salvador é unir todos esses elementos ao dia a dia e que em suas particularidades quase nunca são percebidos, unificados demonstram a imagem pública dessa cidade.

As cidades são o habitat de muitos grupos, e só com uma compreensão diferenciada de imagens grupais e individuais, bem como de suas inter-relações, será possível criar um ambiente capaz de satisfazer a todos. (LYNCH, Kevin. *Imagem da Cidade*, 1997: p. 181)

Salvador é um resultado do que nós vemos nela, de como através do nosso olhar podemos desenhá-la. Todas as cidades possuem um funcionamento peculiar que as caracterizam como mais ou menos desenvolvidas, rurais ou urbanas, metrópoles, megalópoles e afins, para retratar bem a natureza das cidades é importante citar Jane Jacobs (2011) que traz a imagem da cidade de Nova York como um esboço que podemos encaixar em várias outras cidades modernas e industrializadas. Os Centros de Salvador são atingidos pela não frequência dos moradores locais, turistas e transeuntes no geral, salvo as ruas mais comerciais que possuem também, como tratado outrora, monumentos que atraem; mas quando falamos sobre a falta de segurança nas ruas do Centro, falamos sobre o tipo de uso que fazem das calçadas; Segundo Jane Jacobs, no seu livro “Morte e Vida de grandes cidades” a segurança civil é garantida, principalmente, pelos pedestres que utilizam aquela rua, a atividade da polícia não precisaria ser tão ativa em alguns lugares se estes fossem devidamente frequentados e existissem diversos olhos fazendo a segurança.

---

A primeira coisa que deve ficar clara é que a ordem pública – a paz nas calçadas e nas ruas – não é mantida basicamente pela polícia, sem com isso negar sua necessidade. É mantida fundamentalmente pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados (JACOBS, Jane, 2011, p. 32)

Outra observação levantada pela autora sobre as ruas da cidade é que estas devem servir mais aos pedestres que aos carros, levando em consideração o processo crescente de alargamento das rodovias em detrimento da diminuição dos espaços das calçadas que acontece na cidade soteropolitana, é fácil compreender a importância deste quesito. O passeio público é um ótimo exemplo para o capítulo em que a autora fala sobre os parques públicos de Nova York, no caso de Salvador, possuiu praças públicas sem utilização, sofrem da mesma ausência de frequência das calçadas, uma volta pelo Centro pode não ser tão convidativa quando uma grande porção das praças está vazia, sem comércio aparente já que o comércio depende dos pedestres, assim como os pedestres buscam as áreas comerciais. Esses lugares ganham má fama e perdem completamente o sentido para que foram criados, é muito importante que a propostas de “áreas livres” ou “áreas de lazer” sejam bem analisadas para que não caiam no abandono e produzam o efeito de repelir os próprios moradores.

Os parques impopulares preocupam não só pelo desperdício e pelas oportunidades perdidas que implicam, mas também pelos efeitos negativos constantes. Eles sofrem do mesmo problema das ruas sem olhos, e seus riscos espalham-se pela vizinhança, de modo que as ruas que os margeiam ganham fama de perigosas e são evitadas. Além do mais, os parques de pouco uso e seus equipamentos são alvo de vandalismo, o que é bem diferente do desgaste por uso. (JACOBS, Jane, 2011, p. 72)

Um autor não menos importante é Milton Santos (2008), em seu livro “O Centro da Cidade do Salvador” aborda além do contexto social de Salvador nos anos 50 as dificuldades e mazelas de um centro urbano. Muito do que hoje nós vemos refletido nas cidades, é resultado de uma má organização inicial e Milton retrata isso muito bem.

Mais da metade da população do mundo, isto é, cerca de dois bilhões de pessoas, vive hoje dentro dos limites urbanos. E cresce dia a dia o seu número, sem que a infraestrutura seja projetada para recebê-la em um futuro próximo, pois a triste verdade é que raras são as cidades, grandes ou pequenas, que tenham elaborado um plano para um habitat harmonioso e equilibrado dos seus descendentes, os quais já lhe batem a porta. (SANTOS, Milton. O Centro da Cidade do Salvador, 2008, p 11)

A forma como a capital baiana foi criada reflete nos dias atuais, é possível visualizar as deficiências apontadas pelo autor na metade do século passado como dificuldades ainda hoje passadas pelos soteropolitanos.

---

E para sintetizar as nossas observações e registrar as memórias, utilizamos a fotografia; Não como uma verdade absoluta de Salvador, mas um recorte da cidade que habitamos e pesquisamos uma interpretação particular, como cita Susan Sontag (1993), “Um texto não é menos ou mais fiel que uma imagem, ambos são interpretações”. A etapa final do nosso desenvolvimento envolve a frequentação dos Centros Antigos de Salvador, pensar nas visitas é pensar na cidade como um todo, é pensar nas dificuldades e facilidades de caminhar no seu território, é também se questionar as melhores formas de cumprir trecho A ou B, devido a fatores como segurança, iluminação, espaço para o pedestre, transporte público, local para estacionar e tudo isso interfere no que entendemos então de Direito à Cidade. Atentar-se que de frente para o elevador Lacerda é possível enxergar a Ladeira da Montanha e as ruínas que a acompanham; casas abandonadas e ocupadas em grande parte por plantas, observar a Praça da Cruz Caída mesmo que de longe, imersa em algumas árvores, observar quem anda nas calçadas da cidade em um sábado à tarde em pleno feriadão. O Mercado Modelo de Salvador é ponto turístico famoso entre os passeios tradicionais pelo centro, o comércio é ativo e o local faz parte do roteiro turístico tradicional como marco da cidade, apesar de tudo isso; as calçadas são vazias, os pontos para a travessia de pedestres são perigosos e muito espaçados, tem que contar com a trégua de carros ou com a decência dos motoristas para atravessar por ali, cada canto do asfalto tem um estacionamento privativo para pagar, então não é possível estacionar nem bicicletas se não tiver alguns trocados. Os pontos mais bonitos da cidade, como o mirante da Avenida Contorno, ficam vazios em pleno sábado à tarde; enquanto no Farol da Barra, para quem vai de carro, é complicado até para estacionar. A partir das visitas é impossível não relembrar os conceitos de Jane Jacobs sobre cidade, segurança e uso das calçadas, que foram tratados anteriormente. Lembrando as palavras de Heráclito, “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas e o próprio ser já se modificou...” esse pensamento se aplica bem a vivência prática de uma pesquisa, um roteiro pode ser modificado diversas vezes, dependendo do que você adiciona no seu caminho, seja um livro, uma matéria de jornal, um relato, uma descoberta nova de fotografia ou uma parede que foi pintada. O grande segredo, está em compreender esse local do qual se fala e das mudanças que ele permite, seja em um âmbito acadêmico de pesquisa ou enquanto ser humano desbravando seu território, a cidade. O caminho abre vários espaços para discussões, inclusive sobre as diversidades



e diferenças entre um local e outro, na arquitetura, no trânsito, iluminação, segurança, espaços para caminhada. Até que ponto essas diferenças afetam a movimentação do local e afetam suas estruturas humanas? Quem anda pela cidade, realmente vive ela? Na correria do dia a dia, no medo de parar muito tempo em um local devido à insegurança, a falta de iluminação, o pedestre sem calçada, atento para não ser atropelado. Será que é possível observar a cidade com todos esses agravantes? Parar e olhar uma vista, um grafite novo ou intervenção apoiada pela prefeitura, o fechamento de uma sapataria que estava no mesmo local há anos, a retirada de pessoas de suas casas, é possível reparar, é possível parar? As visitas vão além das questões básicas de investigar, fotografar e estudar, e passam muito além do que são os pontos nodais, limites da cidade, na verdade, frequentar a cidade que se vive com o olhar crítico provoca uma reflexão de quem realmente vive essa cidade, quem exerce seu direito sobre ela, quem percebe a cidade e suas modificações.



*Expressão artística registrada em visita ao bairro do Santo Antônio Além do Carmo*



*Expressão artística registrada em visita ao bairro do Comércio*



*Registro da Rampa do Mercado no Porto de Salvador, a partir do Mercado Modelo.*



*Mirante da Contorno - Registro produzido durante visita ao frontispício da cidade de Salvador.*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador**. Salvador: Edufba, 2008.

SONG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.